

Convite ao Oriente

Quimonos, pratos típicos, porcelanas, bonecas, sombrinhas, tãncos, origamis e pincéis. Um pouco do país do sushi pode ser conferido na gare. A exposição, com objetos dos imigrantes e do Consulado do Japão, é um convite ao mundo oriental.

A mostra, organizada pelo professor André Soares, do Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória da UFSM, traz ainda livros, fotografias, kit para shodô (escrita) e sumi-ê (pintura japonesa), jogos e, curiosamente, luvas e tacos de beisebol.

– Há coisas interessantes na imigração japonesa. Enquanto outros imigrantes chegavam ao país extremamente pobres e mulambos, os orientais mantinham a higiene pessoal impecável, vestiam-se bem e não eram tão miseráveis – conta o professor.

Pertencente à terceira geração de japoneses, a sansei Maria de Lourdes Tieme Ide, a Dilú, conta que quando seus avós chegaram a São Paulo, por volta de 1910, para trabalhar nas plantações de café, os imigrantes tinham uma idéia maravilhosa do país.

– Diziam que, no Brasil, dinheiro dava em árvore – diz Dilú, que veio parar no Rio Grande do Sul após se casar e está há três anos em Santa Maria.

Os avós de Dilú mudaram de nome para se adaptar ao Brasil: Shizuka se tornou Pedro, e Kimio passou a se chamar Marina. A moça conta que gostaria de morar no país de seus antepassados, mas revela que nem todo dekassegui tem sorte por lá.

– As mulheres ainda têm salários diferentes dos homens e não têm tanta chance no mercado – lamenta ela, que trabalha na Casa de Cultura. **M**



costumado a trabalhar com verduras, o imigrante ajuda o filho Paulo na fruteira

Brasil por acaso

Dia 20 de dezembro de 1960. Takashi Nakashima, 64 anos, tem a data de sua vinda ao Brasil na ponta da língua. Junto com o pai, a mãe e quatro irmãos, ele, com 15 anos, fez um trajeto diferente do da maioria dos imigrantes japoneses para chegar a Santa Maria. Enquanto os outros saíram de Uruguaiana, a família de Takashi iria para o Paraguai, mas mudou de idéia ao saber da ditadura no país. Então, desceu no porto de Rio Grande e seguiu para São Leopoldo.

– Eu achava que eu tinha vindo para o Brasil para passear. Depois descobri que queriam que eu trabalhasse – fala ele, rindo.

Na cidade, Takashi não sabia falar nada além de “bom dia”, o que causou dificuldade para se comunicar.

– Certa vez, fomos ao centro para comprar farinha e começou a chover forte. Paramos embaixo de uma marquise para nos proteger até que o dono foi até a porta e nos convidou para entrar. Achávamos que ele estava nos xingando e saímos correndo – diverte-se o japonês, que só entendeu o que o homem havia dito dias depois.

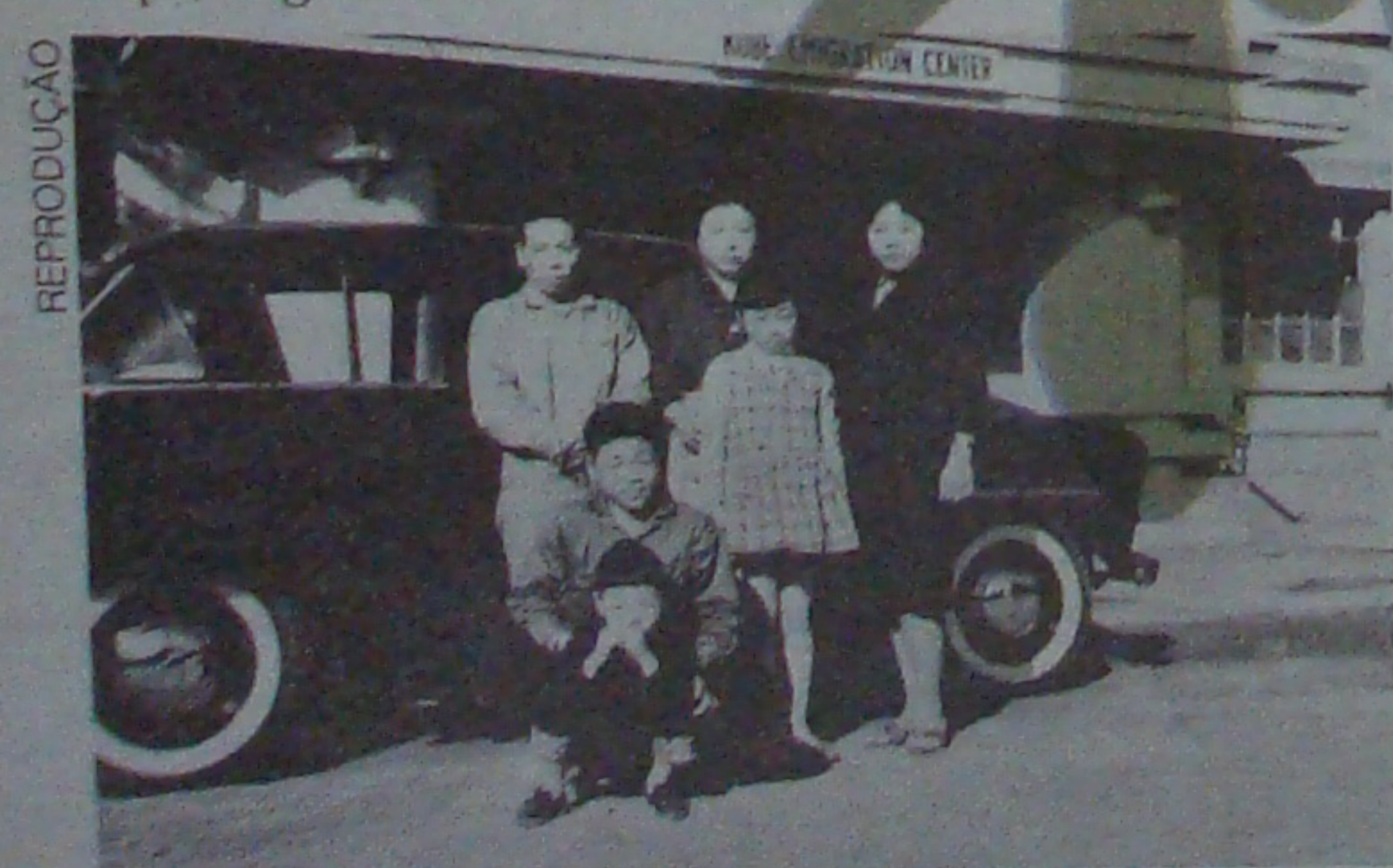
O rapaz logo começou a trabalhar nas plantações de tomate. Quando uma irmã se casou, ele seguiu com ela e o marido para Gravataí, onde ficou até 1965, ano em que voltou a São Leopoldo. Santa Maria só surgiu na vida de Takashi por volta de 1967. Na cidade, ele trabalhou em plantações em Camobi.

– Plantei brócolis. Acredita que nessa época ninguém conhecia brócolis? – diz ele.

Takashi, que já foi 12 vezes ao Japão e voltou a morar lá por um tempo, casou-se com uma brasileira e teve dois filhos: Juliano, que está no Japão, e Paulo, que trouxe no sangue o gosto por lidar com verduras, frutas e legumes. Ele é dono da Fruteira Ponto Verde, na esquina da Barão do Triunfo com a Venâncio Aires.

– Também morei no Japão, mas já estou acostumado com o Brasil. Lá o povo é mais fechado e não existe esse negócio de “jeitinho brasileiro” – conta Paulo.

– Gosto muito de lá, mas a hospitalidade e a amizade do povo daqui, ninguém bate – finaliza Takashi.



Antes de embarcar para o Brasil, Takashi (de pé, à esquerda) posou para a foto ao lado da família

FOTOS JULIANO MENDES

A sansei Dilú é de uma família de imigrantes que veio ao Brasil para trabalhar nos cafezais paulistas



Organizador da exposição, André, reuniu roupas, utensílios e objetos trazidos do Japão. Abaixo, uma mostra da arquitetura oriental



Universo nipônico

Um convite para conferir um pouco sobre a cultura japonesa e a chegada dos primeiros imigrantes a cidade é a 1ª *Exposição em Homenagem à Imigração Japonesa em Santa Maria*

■ **Visitação:** quarta a domingo, das 10h às 18h. Até 31 de março

■ **Onde:** Centro Ferroviário de Cultura (gare)

■ **Quanto:** de graça

■ **Informações:** (55) 3220-8412. Visitas guiadas com escolas com agendamento

Os símbolos que ilustram o fundo das páginas são kanjis e representam o que os japoneses viram no Brasil. O da página 4, significa esperança. O da página 5, oportunidade. A página 6 traz o símbolo do futuro e a página 7 traz o da felicidade